

**TESE DA CENTRAL DAS TRABALHADORAS E DOS TRABALHADORES  
BRASILEIROS (CTB) E INDEPENDENTES AO 34º CONGRESSO DO  
SINASEFE**

**INIMIGOS DO REI – FORA BOLSONARO E SEUS LACAIOS**

**Quem Somos**

Somos servidoras e servidores dos Institutos Federais de todos os estados do país e carregamos o sonho de mudar o Brasil através da educação. Nos esforçamos muito para entrar no serviço público conciliando uma vida de trabalho e estudo. Para isso agarramos todas as oportunidades que encontramos na nossa frente e que foram conquistadas através de muita luta dos movimentos sociais, como a expansão da rede federal. Muitos de nós fomos os primeiros de nossas famílias a entrar no serviço público e por isso há grandes expectativas sobre o nosso futuro.

Estamos indignados com a atual situação do Brasil. De uns tempos pra cá, não está fácil fechar as contas no final do mês. Encaramos de frente o desafio de nos manter em uma instituição que na maioria das vezes nem parece ter sido feita para nós. Olhamos para o lado e vemos nossos colegas desistindo de seus sonhos, pedindo demissão e enfraquecendo o serviço público federal.

Mesmo com todas as dificuldades, acreditamos que a educação tem o potencial de transformar a realidade e contribuir para que o nosso povo realize plenamente o seu potencial. Aos poucos estamos mudando os Institutos Federais, fazendo com que ele tenha cada vez mais a cara do povo. A universidade é a chave para realizar o sonho intenso de Brasil, com liberdade e justiça social. Com a eleição do Bolsonaro fica ainda mais incerto o nosso futuro. É nesse ambiente que a nossa mensagem de coragem é ainda mais necessária.

Assim como a flor que insiste em crescer no asfalto, carregamos com a gente uma forte esperança de mudar o Brasil através da educação. Construiremos com as nossas mãos, empunhando nossos cartazes e livros, o sonho de um futuro melhor.

**NOSSA VOZ – O SINASEFE É RESISTÊNCIA: UM CHAMADO À  
UNIDADE**

O Sinasefe é a entidade histórica de representação dos trabalhadores da rede de ensino técnico federal. Ao longo dos anos, nosso sindicato nunca vacilou e soube estar presente nos períodos mais importantes do nosso país, levantando bem alto a bandeira da educação e sua centralidade na construção de um projeto de país soberano e democrático. A atual conjuntura brasileira demonstra que este é um dos momentos em que o Brasil mais precisa da voz ativa da entidade.

“Resistir” não é uma palavra nova para o Sinasefe. A entidade foi capaz de atravessar momentos difíceis do nosso país, sendo linha de frente no enfrentamento aos governos golpistas e neoliberais.

Sua força motriz está na força dos servidores federais. A diversidade de opiniões encontrada no sindicato faz com que ele atravesse as décadas e seja sempre capaz de se manter jovem, atualizado e ativo.

Foi assim nas grandes mobilizações que tomaram conta das universidades públicas contra a Emenda Constitucional 95 que congela os investimentos públicos por vinte anos, organizando comitês e frentes universitárias na defesa da democracia e do Estado Democrático de Direito e contra todo o conservadorismo e ambiente de intolerância que aflorou no país.

Resistimos às fortes ofensivas realizadas contra às instituições federais que tinham como objetivo a sua desmoralização, como no caso da ação espetacularizada ocorrida na UFMG que conduziu coercitivamente o reitor da universidade para prestar depoimentos sobre o Memorial da Anistia Política. Antes mesmo disso, aconteceu o caso mais emblemático e também trágico, que culminou na morte do reitor da Universidade Federal de Santa Catarina após sua prisão. O inquérito foi encerrado e nenhuma prova foi apresentada.

No primeiro turno das eleições passadas, o Sinasefe manteve sua independência e não declarou apoio a nenhum candidato, mas se mobilizou intensamente com a campanha “Bolsonaro Não!”, por já entender desde aquele momento que o candidato era uma ameaça à democracia e a tudo aquilo que o povo brasileiro conquistou nos últimos anos. A campanha antecipou e serviu de combustível para o grande movimento de massas que surgiria naquele momento, o “Ele Não”, que mobilizou milhares de trabalhadores e artistas, sobretudo mulheres através das redes sociais e de manifestações em centenas de cidades de todo o país.

O governo Bolsonaro, impulsionado por um forte (e caro) aparato de distribuição de fake news e pela ausência a debates centrais ao desenvolvimento da economia, à geração de emprego e à superação da crise econômica, chega ao poder central do país e impõe uma agenda autoritária, de recessão e de perseguição aos movimentos sociais e ao pensamento livre. Ele não é um fenômeno isolado, faz parte de uma agenda internacional de mudança geopolítica que tenta frear o desenvolvimento de países que trilham o seu próprio caminho de maneira soberana.

Ao indicar nomes como Ricardo Vélez Rodrigues, Abraham Weintraub e Milton Ribeiro para o Ministério da Educação, fica clara a agenda que tenta impor à pasta: forte disputa ideológica marcadamente através da Lei da Mordada e do combate ao livre pensamento. O atual Ministro já chegou ao cúmulo de dar declarações de que o Golpe de 1964 seria algo a ser comemorado e recentemente afirmou que a universidade deve ser reservada a uma “elite intelectual”.

O presidente já demonstrou inúmeras vezes não ter respeito aos pactos democráticos e representa o aprofundamento de uma agenda antipovo iniciada por Michel Temer. Neste processo está colocado em xeque todas as conquistas obtidas ao longo de nossa história, incluindo a universidade pública e o acesso ao ensino superior.

Não é à toa que neste momento surjam grupos políticos que, ao tentar dar sustentação ao governo, atuam como verdadeiras milícias e atacam os sindicatos, rememorando os momentos mais tristes da história de nosso povo: ameaçando fechar o Sinasefe. Não há nada de novo nisso, é como se tentassem mais uma vez calar o forte canto de esperança entoado pelos trabalhadores brasileiros. Em oposição a isso, nós construímos um movimento sindical independente e verdadeiramente democrático, reconhecendo a importância histórica dos sindicatos e seus desafios atuais.

Os servidores brasileiros deram as mãos a artistas, professores, estudantes, intelectuais e a todos aqueles e aquelas que se apresentaram para a resistência em defesa de nosso país, contra o autoritarismo e pelas liberdades democráticas. Agora somos convocados para liderar uma ampla frente em defesa do Brasil, que tenha espaço para todos os agentes que percebem a gravidade do momento que o nosso país vive e não admitem o retorno dos tempos mais sombrios.

Para que o Sinasefe lidere esse processo de resistência, nosso movimento grita em alto e bom tom: a unidade é a bandeira da esperança! A grande unidade que construímos

nas ruas e nas universidades, precisa estar também representada dentro do nosso sindicato. Somente de mãos dadas, caminhando lado a lado e resguardando o espaço para as divergências, é que estaremos no rumo certo, apontando para dias melhores.

## **1. EDUCAÇÃO**

Na última década, o ensino superior teve sua cara drasticamente transformada. A rede federal de ensino foi ampliada e interiorizada, não ficando apenas nos grandes centros urbanos. Novos cursos foram criados, principalmente nos turnos da noite, para facilitar o acesso da classe trabalhadora, assim como a reserva de vagas destinada aos estudantes de escolas públicas. O ENEM e o Sisu também fizeram parte da agenda que contribuiu para democratizar o acesso à universidade pública.

Segundo o IBGE, o acesso de jovens de baixa renda à universidade pública cresceu 400% em menos de 10 anos – entre 2004 e 2013. Em 2004, os 20% mais ricos do país representavam 55% dos universitários da rede pública e 68,9% da rede particular. Em 2013 essas proporções caíram para 38,8% e 43%, respectivamente.

Para um jovem negro, as chances de concluir o ensino superior aumentaram quatro vezes em menos de 20 anos, a partir da política de cotas. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), em 2011 do total de 11 milhões de matrículas, 11% foram feitas por alunos pretos ou pardos. Já em 2016 esse percentual subiu para 30%.

Todas estas transformações são conquistas históricas dos movimentos sociais. Mas ainda não estamos satisfeitos! Sob esta perspectiva, novos desafios se abrem. Quem ingressou na universidade após anos de exclusão social precisa ter condições de permanecer e se formar. Como a universidade deixou de ser um espaço apenas voltado à elite, ela agora precisa ser moldada pelos filhos da classe trabalhadora que nela adentram como estudantes ou como servidores. Para isso, a retomada do debate dos Planos de Carreira, em especial dos técnicos administrativos (PCCTAE) precisa ser travada, são anos sem aumento e com a inflação corroendo o bolso da categoria.

### **● A reforma universitária**

Há quase 60 anos atrás, os movimentos sociais brasileiros se reuniam na Bahia para participar do 1o Seminário Nacional da Reforma Universitária, promovido pela UNE. Se iniciava naquele período uma grande mobilização em defesa de mudanças

estruturais na educação brasileira. Este cenário de efervescência colocou os movimentos de luta na linha de frente das reformas de base propostas pelo governo João Goulart.

Ná época, os movimentos populares chegam à conclusão de que a universidade não cumpria com seu papel cultural, profissional e social, havendo um caráter antidemocrático no acesso ao ensino superior e formando profissionais individualistas, sem preocupação com os problemas da sociedade. Um ano depois, ao realizar o 2o Seminário Nacional da Reforma Universitária, concluíram que a reforma universitária interessava sobretudo ao povo, pois grande parte da população não tinha acesso a ele.

Cabe destacar a grande influência da Reforma de Córdoba, ocorrida em 1918 na Argentina, em que os estudantes da Universidade de Córdoba redigiram um amplo manifesto para construir um ensino livre e democrático. Tal movimento é considerado um marco na história das universidades latino-americanas por ser pioneira na construção de um modelo institucional que atribuiu uma forma de atuação renovada no ensino superior.

Há 10 anos, esse debate voltou com força e apresentou um novo projeto de Reforma Universitária, que tramita até hoje no Congresso Nacional. De lá pra cá muita coisa mudou, mas a luta por uma nova universidade, conectada com o sonho de um Brasil soberano, justo e desenvolvido permanece atual.

Os desafios da universidade mudaram muito a partir do momento em que sua composição social foi alterada. Hoje a universidade é mais diversa, com mais mulheres, negros, índios e trabalhadores. Apesar disso, ainda temos muito a avançar. É preciso garantir as condições necessárias para que todos que entrem na universidade tenham condições de se formar, através da consolidação do Plano Nacional de Assistência Estudantil.

Mas também é verdade que é preciso melhorar muito a qualidade das Instituições de Ensino Superior no Brasil para atingir níveis de excelência. A universidade de hoje cumpre um papel importante de formação profissional, mas é preciso ampliar este espectro, aliando à formação de um pensamento crítico e a circulação de conhecimento através das mais diferentes áreas do saber, posicionando a universidade em relação a um projeto nacional de desenvolvimento voltado para todo o seu povo, que ajude o país a superar o atraso e a alcançar os desafios da revolução tecnológica.

Para atingir estes objetivos, é fundamental valorizar a transdisciplinaridade, rompendo com a velha estrutura departamental. O conhecimento produzido pela universidade precisa auxiliar a resolver os principais problemas presentes na sociedade, estando assentado no tripé ensino, pesquisa e extensão.

O Sinasefe, junto com os demais movimentos sociais, deve redigir o seu projeto de Reforma Universitária e aglutinar amplos setores em defesa da educação, da ciência e da soberania nacional.

**• Contra a cobrança de mensalidades nas instituições públicas e a política de vouchers**

Com os crescentes cortes na educação, alavancados pelas políticas de ajuste fiscal e pela Emenda Constitucional 95, as universidades têm enfrentado cada vez mais dificuldades em seu financiamento. Com isso alguns setores da política nacional, incentivados por um relatório lançado pelo Banco Mundial que critica políticas públicas, vendem soluções mágicas para o problema: limitar o gasto por aluno e cobrar mensalidades. Trata-se de um engodo e uma ameaça ao caráter público da universidade, que em última instância não resolve o problema.

Os defensores da cobrança de mensalidades afirmam que os investimentos por aluno nas instituições públicas são maiores do que nas privadas. Desconsideram que é nas universidades públicas que estão localizadas quase a totalidade da pesquisa científica e tecnológica existente no país, o que gera importantes resultados econômicos, como na produção de alimentos, na exploração de petróleo e no desenvolvimento de novas fontes de energia. É na universidade pública também que reside mais da metade de todo o Sistema Nacional de Pós Graduação.

Apesar disso, é bem verdade que a parcela mais rica da população deve sim ter uma maior responsabilização em manter as universidades públicas. Mas isso não se dá através da cobrança de mensalidades. Uma reflexão bastante importante que deve ser feita gira em torno do sistema tributário brasileiro, em que os mais pobres são os que mais pagam. Uma política distributiva mais justa, com taxação de grandes fortunas, heranças, propriedades e que isente a parcela mais pobre fará com que os super ricos brasileiros financiem o desenvolvimento, inclusive a educação pública.

Além disso, a equipe de Bolsonaro liderada por Paulo Guedes propõe implementar no Brasil uma política de vouchers, em que seriam distribuídos vales para que as famílias matriculem seus filhos em escolas e universidades privadas, fazendo com que o governo não precise mais investir em instituições públicas, pagando apenas o referente às vagas. Tal política geraria uma grande distorção no sistema educacional e os mais pobres estariam destinados às escolas e universidades de menor qualidade.

É imperativo que o Sinasefe siga na luta em defesa do caráter público da universidade e das políticas de acesso que realmente contribuem com a democratização do ensino superior brasileiro.

### ● **Em defesa do tripé: ensino, pesquisa e extensão**

O Brasil é detentor de uma grande riqueza natural espalhada em seu território continental, além de um povo trabalhador. Mas a realização de suas potencialidades de forma plena é ainda um sonho. Cabe, portanto, à educação o papel de se conectar aos anseios da população e impulsionar um projeto que garanta a realização desse sonho intenso nas mais variadas áreas, sejam elas tecnológicas, científicas, econômicas, culturais ou sociais.

Para isso, é fundamental garantir a qualidade do ensino, na formação de profissionais preparados, humanos e com capacidade crítica. Mas isto é indissociável de um projeto que teste os saberes produzidos dentro da academia para fora dela, na realidade das comunidades. A extensão universitária possui papel central e não pode ser subestimado.

Da mesma maneira, é necessário o investimento massivo em pesquisa, para a produção de novas soluções, novas alternativas e a quebra de paradigmas. No momento em que o obscurantismo se alastra, em que a ciência é negada e pesquisas acadêmicas são reprimidas, é preciso reafirmar que a produção científica é algo que não podemos abrir mão.

Já a extensão universitária não pode apenas ser pensada como palestras. É fundamental que ela esteja ligada à possibilidade de vivências práticas relacionadas ao conteúdo presente na sala de aula, estando presente em toda a grade curricular.

Recentemente os projetos de pesquisa e extensão no Brasil estiveram às beiras de um colapso. A Capes chegou a anunciar que teria que pôr fim à diversos projetos

importantes e cortar milhares de bolsas. Graças à luta dos movimentos sociais essa realidade foi evitada, mas ainda seguem fortemente ameaçadas com a falta de investimentos, a subjugação de pesquisas à interesses políticos e econômicos.

É necessário, portanto, pesados investimentos em pesquisa e extensão, com atenção especial à região Norte e Nordeste, já que grande parte da pesquisa brasileira ainda se concentra na região Centro-Sul. As bolsas precisam ser valorizadas e precisa haver uma maior integração entre graduação e pós-graduação, incentivando a investigação científica seja com pesquisas de campo simples ou até mesmo substituindo avaliações tradicionais por projetos de pesquisa.

Junto com isso, devemos nos posicionar firmemente contra a Portaria 983/2020 e todas as demais portarias internas das instituições, à exemplo do IFMG que de maneira abrupta aumentou a carga horária dos docentes, mesmo com o CONIF conseguindo mais tempo até sua implementação.

#### ● **Fica Pibid – Por uma educação sem mordça**

Vivemos um momento em que setores obscurantistas tentam colocar estudantes contra professores. Uma deputada eleita chegou a pedir que os alunos gravassem vídeos de seus professores “doutrinando” em sala de aula. O que essa turma quer com projetos como o “Escola Sem Partido” na verdade é colocar uma mordça nos educadores. Ninguém defende uma escola com partido, muito pelo contrário! A escola precisa ser lugar de livre debates plural de ideias para o desenvolvimento de um pensamento crítico.

Com todo esse cenário, não é difícil perceber o motivo de o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) sofrer constantes ameaças de cortes. O Pibid é uma importante ponte para o contato entre graduação e ensino básico, estimulando milhares de estudantes de licenciatura a ter contato com a sala de aula nas escolas. Mais do que isso, o programa é um chamado à valorização dos professores brasileiros.

No entanto, a instabilidade do programa tem dificultado sua continuidade, o acesso a novos bolsistas e a continuidade daqueles que já estão no programa. Por isso defendemos que o Pibid vire lei! Circula no Congresso Nacional o Projeto de Lei 5180/2016 que propõe transformar o projeto em uma política de Estado, garantindo assim recursos e sua permanência independente da vontade política de governos.

#### ● **Financiamento e Infraestrutura**

Se tem uma coisa que sabemos é: as universidades carecem de uma boa infraestrutura. Esse drama fica ainda pior quando os alunos estão produzindo seus TCCs. Aí é sempre aquele “Deus nos acuda!”.

Mas não é só isso. Os laboratórios muitas vezes são precários e não possuem as condições necessárias para o desenvolvimento da pesquisa. E no verão? Às vezes a sala de aula mais parece uma sauna. E não para por aí: as moradias estudantis não dão conta de toda a demanda e os Restaurantes Universitários estão caros e com cada vez menos qualidade.

Mas não é só na infraestrutura em que as dificuldades de financiamento se manifestam. Falamos tanto em autonomia universitária e a necessidade de as instituições de ensino terem liberdade para definir seus programas e linhas de pesquisa, mas quando o recurso não vem, tudo isso é ameaçado. Afinal de contas aquele ditado popular prevalece: “quem paga a banda, escolhe a música”. E muitas vezes os recursos que deveriam ser destinados a importantes programas simplesmente não aparecem, ou são cortados em alguma política de ajuste.

Mesmo com tudo isso, Bolsonaro ainda teve o disparate de afirmar que no Brasil se investe muito em educação! Através de uma pretensa pauta de combate à “ideologização” nas escolas e universidades, o presidente da república justifica uma agenda de perseguições e desvalorização do ensino público. É evidente que isso se trata de uma cortina de fumaça.

Pensando na necessidade de mais investimentos, os movimentos sociais criaram a campanha pela destinação de 50% dos recursos do Fundo Social do Pré-Sal para a educação, assim como 75% dos royalties provenientes da exploração do petróleo no Brasil. Na época muitos duvidaram, mas com muita luta garantimos essa importante conquista.

O problema é que hoje esta vitória está ameaçada. O sucateamento da Petrobrás, o fim da política de conteúdo nacional e o fim da prioridade da empresa brasileira na exploração dos campos de petróleo diminuem muito o potencial de recursos. Somado a isso, a Emenda Constitucional 95 congela os investimentos por 20 anos.

É necessário defender essas conquistas protagonizadas pelo povo e lutar pela revogação da EC95, para que se possa atingir a meta do PNE que prevê o investimento de 10% do PIB em educação.

- **Mais segurança nos campi das insituições**

A violência nos centros urbanos é algo que preocupa cada vez mais. O assunto da segurança nos campi universitários e no entorno deles não é algo menor, pelo contrário, assume grande relevância para todos e todas nós.

Quem nunca sentiu medo ao esperar um ônibus em um ponto escuro ao lado da universidade? Ou ao cruzar o campus que muitas vezes não possui iluminação? Para enfrentar esse debate é necessário mobilizar os estudantes, administração das universidades, servidores e poder público.

O plano das cidades precisa levar em conta a existência da universidade, prevendo iluminação nos entornos e pontos de ônibus mais próximos às entradas e saídas. Além disso, defendemos a carreira de Guarda Universitário, que possua capacitação também em direitos humanos e contingente feminino.

O nosso movimento se propõe a debater e procurar soluções referente a este tema que é absolutamente pertinente nos dias atuais.

## **2. LIBERDADE**

### **Em defesa do Brasil e da nossa Constituição**

A jovem democracia brasileira é regida desde o final da ditadura militar pela Constituição Cidadã, aprovada em 1988 após um amplo movimento que englobou os mais diversos setores e construiu um pacto democrático com a garantia de direitos fundamentais ao povo brasileiro, como o acesso à educação e à saúde pública, à dignidade, ao trabalho e ao pluralismo político. Foi a partir deste pacto democrático que o Brasil conseguiu atravessar até mesmo os momentos mais turbulentos.

Apesar disso, nossa carta magna tem sido cada vez mais negligenciada. Se ao longo das últimas décadas já presenciávamos violações aos direitos humanos, sobretudo da população mais pobre e negra, hoje estamos diante de um governo autoritário que demonstra seu desprezo pela democracia, que persegue a oposição e a imprensa livre. Sob o governo Bolsonaro não estão garantidas as nossas liberdades democráticas.

É por isso que propomos a construção de uma Frente Ampla e Democrática , que tenha como centro a defesa dos preceitos básicos da democracia e apresente uma agenda em defesa das liberdades, da soberania e do patrimônio nacional, além do acesso aos direitos da nossa população.

### ● **Em defesa da autonomia universitária e da Liberdade de Cátedra**

Nos últimos anos vimos o direito ao livre pensamento ser duramente ferido. Disciplinas em diversas universidades foram questionadas pelo então Ministro da Educação. Agentes do TRE do Rio de Janeiro chegaram a interromper uma aula na Universidade Federal Fluminense para inquirir a respeito do seu conteúdo. A situação chegou ao ponto de um juiz pedir a retirada de uma bandeira com os dizeres “direito UFF antifascista”.

A autonomia universitária é um dispositivo garantido pela Constituição assentada no tripé da autonomia financeira, administrativa e liberdade de cátedra. Isto é uma conquista firmada após centenas de anos de existência de universidades no mundo inteiro, para que o ensino e a pesquisa não sejam submetidas aos governos vigentes e possam, dessa maneira, assegurar seu caráter livre e garantir o progresso e o desenvolvimento econômico e social sob qualquer regime.

É bem verdade que essa autonomia sempre enfrentou dificuldades, principalmente pelo motivo de os investimentos estarem ligados a uma atribuição discricionária dos governos. Esse problema se aprofundou muito sob o governo Temer, com o congelamento de investimentos públicos e o corte de gastos.

Mas agora o que se encontra sob ameaça é a liberdade de cátedra. Pesquisas são vigiadas, professores são constrangidos. A proposta da Lei da Mordaza tenta impedir que determinados conteúdos sejam debatidos nas escolas. Bolsonaro já afirmou que pretende “revisar” o conteúdo do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e chegou a criar uma comissão para avaliar se há “ideologia” em cada uma das questões. Tudo isso compõe uma grande ameaça ao pensamento crítico e é tarefa de todos e todas nós permanecer na linha de frente em defesa da autonomia universitária.

### ● **Democracia nas Instituições**

A democracia nas universidades ainda precisa melhorar muito! Apesar de todos os avanços que tivemos no último período em relação à composição social das Instituições

de Ensino, ainda enfrentamos grandes dificuldades no que se refere à participação da comunidade acadêmica na formulação de diretrizes e no projeto de universidade.

Nas nossas instituições públicas, a maioria não conta com paridade na eleição para reitor. Algumas apenas realizam uma consulta informal. Elege-se uma lista tríplice que é encaminhada para que o Presidente da República formalize a nomeação. A vontade de Jair Bolsonaro é ainda pior: sua equipe já indicou vários reitores das universidades, não necessariamente o mais votado, possuindo assim o controle político das instituições.

Isso se trata de um grande retrocesso para a própria autonomia universitária e vai na contramão de todos os avanços educacionais existentes. O projeto de universidade precisa ser discutido por todos aqueles que pertencem à sua comunidade. A democracia não pode ser sufocada!

#### ● **Em defesa da Liberdade de Expressão**

Os movimentos sociais lutam há anos pela democratização dos meios de comunicação, para que a nossa imprensa seja verdadeiramente livre e não expresse apenas os interesses dos grandes empresários. Inclusive, os sindicatos têm apostado nos últimos anos em experiências de redes de comunicação colaborativa com o objetivo de ampliar vozes destoantes à narrativa muitas vezes predominante.

Para que muitas vozes se ergam, é preciso que o princípio básico da liberdade de expressão seja garantido. Mas o atual governo já demonstra sua predisposição ao autoritarismo inclusive naquilo que tange à imprensa livre e democrática. Jornalistas de determinados veículos são impedidos de participar das coletivas de imprensa. Durante a campanha, Bolsonaro chegou a prometer cortar recursos dos jornais que divulgarem notícias que ele julgar incorretas.

#### ● **Em defesa das Liberdades Políticas: o Sinasefe é democracia!**

Durante toda a história, quando faltou democracia ao Brasil os trabalhadores foram os primeiros a sofrer. Muitos de nossos líderes foram perseguidos, torturados e mortos pela ditadura militar.

Portanto, é nos regimes democráticos que mais podemos contribuir com a elaboração de um projeto de nação que coloque a educação como centro para pavimentar as avenidas rumo a um país desenvolvido, soberano e justo para o seu povo.

Mas está ficando claro que a democracia não é um bem inalienável para os setores neoliberais e ultraconservadores. Para eles imporem sua agenda ao Brasil, não se importam em passar por cima da Constituição e de todos os nossos direitos. Para anular seus adversários políticos, os despem de humanidade e os transformam em algo a ser combatido: “um inimigo interno”. Jogados nessa vala comum e criminalizados, acabam sendo os estudantes, técnicos, professores, artistas e trabalhadores: todos aqueles que ousam resistir.

Um grande exemplo disso é a prisão política do ex-presidente Lula, que nos deixou um legado de transformação social e democratização do acesso ao ensino superior. Lula foi alvo de uma investigação seletiva e tendenciosa, comprometida desde o seu princípio e que tinha como único objetivo retirá-lo da disputa eleitoral e abrir portas para uma agenda ultraliberal e conservadora, alinhada a interesses do rentismo internacional.

A defesa da democracia está no nosso DNA. Nos preocupa muito as declarações de Bolsonaro a respeito de perseguir seus opositores ou até mesmo em relação a criminalizar os movimentos sociais. É preciso que cada pessoa tenha o direito de exercer plenamente a sua cidadania, garantindo o livre direito a se organizar, manifestar e opinar. Este é um conceito base de toda civilização democrática.

### **3. BRASIL**

#### **NINGUÉM SOLTA A MÃO DE NINGUÉM**

Acreditamos no potencial do povo brasileiro. Sabemos que o nosso país é um sonho intenso ainda não realizado, que ao longo dos séculos tem sido explorado por setores internacionais e impedido de prosperar. Por isso, temos convicção de que a educação é o caminho para construir uma nova independência de nosso país, finalmente colocando-o de pé e em condições de garantir uma vida digna à sua população.

Vivemos nos últimos anos uma grave crise econômica, que acentuada pela situação política do país e pelas investidas do império estadunidense culminaram em uma situação de desemprego, volta da miséria e insegurança. O sentimento de desespero foi crescendo na população ao lado de uma forte desesperança. Segundo pesquisa divulgada pelo DataFolha em 2018, 62% dos jovens brasileiros gostariam de deixar o país e viver em outro lugar. Nossa juventude, que outrora se demonstrou orgulhosa de pertencer ao Brasil, hoje está com baixa autoestima.

Foi sabendo explorar este sentimento, que Jair Bolsonaro chegou à presidência da república no Brasil, se utilizando de um forte aparato de desinformação, o candidato conseguiu confundir o processo eleitoral e desviar de assuntos centrais para a superação da crise econômica que assola o mundo desde 2008 e hoje apresenta graves efeitos por aqui.

O governo Bolsonaro deixa clara a sua missão e tenta liquidar com qualquer conquista social obtida desde a Era Vargas. Trata-se de um governo de extrema direita, ultraliberal na economia e conservador nos costumes.

Vivemos momentos que representam grandes perigos à democracia. Bolsonaro não esconde seu apreço ao regime militar e ao autoritarismo. Já chegou a declarar que erradicaria a esquerda do país, afirmando que os “vermelhos” poderiam ser presos ou teriam que sair do país.

Em sua base de sustentação encontram-se setores que igualmente são nocivos ao país. De um lado está o setor da farda representado nos militares, que compõem grande parte dos ministérios do governo Bolsonaro. Ao lado deles, está o guru do presidente, Paulo Guedes, que representa os grandes interesses do rentismo e estão ansiosos para abocanhar nossas riquezas naturais e nossas empresas públicas.

Da mesma forma, compõe a base do governo o setor fundamentalista que acelera para impor sua pauta conservadora, retrocesso nas pautas relacionadas aos direitos humanos e ataque às minorias, sobretudo às mulheres, negros e negras e LGBTs.

Por fim, existe uma espécie de clã que atua como mentora de grande parte do governo. São os filhos de Bolsonaro e os mais variados charlatões do cenário nacional, responsáveis por dar sustentação ideológica e buscar alinhar suas ações com o imperialismo internacional. Denúncias recentes têm sustentado a possibilidade de que esta parte do governo está profundamente ligada às milícias.

#### ● **Como resistir aos ataques de Bolsonaro?**

Em meio a este cenário com elevado grau de complexidade da conjuntura brasileira, defendemos que o Sinasefe ocupe papel ativo no processo de resistência. Não iremos baixar a guarda e nem nos calar.

Para atravessarmos esse momento é fundamental garantir a unidade dos movimentos sociais e de todos os setores progressistas. Atuaremos em conjunto com a

Frente Brasil Popular e a Frente Povo Sem Medo garantindo um calendário de mobilizações para que, aliado às centrais sindicais e aos setores progressistas, possamos ocupar as ruas contra a entrega do patrimônio nacional às corporações estrangeiras e todas as tentativas de retiradas de direitos.

A nossa palavra de ordem é resistir e acumular forças. Para isso é fundamental que o Sinasefe mantenha sua capacidade de iniciativa. Organizando amplos setores em defesa da pauta educacional e propondo alternativas ao atual projeto de poder de Bolsonaro.

Para nós, “resistir” é também garantir que as entidades do movimento sociais mantenham sua liberdade de atuação, fortalecendo suas lideranças e se opondo a qualquer prática de cerceamento das liberdades democráticas.

#### ● **Em defesa do patrimônio nacional**

Bolsonaro quer vender a preço de banana ao capital estrangeiro o nosso patrimônio. Além de entregar a Base de Alcântara aos Estados Unidos, busca entregar outras áreas estratégicas como a Eletrobrás, responsável por 37% da geração de energia no país e a Petrobrás, uma das maiores empresas de petróleo do mundo. Este projeto fere gravemente a nossa soberania e a possibilidade de trilharmos um caminho de desenvolvimento guiado pelas bases de um projeto de nação.

Criada em 1953, a Petrobrás é fruto de um amplo debate sobre o regime de exploração de petróleo no Brasil em que os interesses nacionais prevaleceram sobre os internacionais, mas para isso foi preciso grande mobilização nacional, com a campanha “O Petróleo é Nosso”. Atravessando muitos percalços em seu caminho, a Petrobrás cresceu e foi capaz de encontrar em nosso território uma de nossas maiores riquezas naturais: o pré-sal. Percebendo isso, os movimentos populares protagonizaram outra grande conquista: a destinação de 75% dos royalties provenientes da exploração do petróleo e 50% do Fundo Social do Pré-Sal para a educação. Dessa maneira, os movimentos sociais contribuíram para encontrar o passaporte a um novo futuro para o Brasil.

Como o petróleo é combustível de grande cobiça internacional (e inclusive guerras) teve início aí um novo período em que os setores estrangeiros voltaram seus olhos para o Brasil com sua habitual sede de poder. A Petrobrás passou a ser alvo de uma

intensa campanha de desmoralização até mesmo de espionagem, visando seu enfraquecimento e privatização. Campos de petróleo foram entregues e hoje a empresa corre grandes riscos.

A operação Lava Jato, que possui um falso pretexto de combate à corrupção, fortaleceu uma grande crise na Petrobrás e em toda a engenharia nacional. Ao invés de punir os responsáveis pelos casos de corrupção, a operação praticamente paralisou as atividades produtivas do país, cometendo excessos e evitando investigações realmente sérias, ao passo que transforma cada caso em espetáculo midiático visando a desmoralização dos bens públicos, ocasionando desemprego e recessão. Além disso, nos preocupamos com a possibilidade de a Lava Jato virar instrumento de barganha para negociatas envolvendo votações no Congresso e fator de pressão sobre parlamentares e agentes públicos.

É mais importante do que nunca defender as riquezas naturais e o nosso patrimônio, colocando-os a serviço do desenvolvimento soberano, da preservação do meio ambiente e do papel estratégico que o Brasil joga na manutenção da paz.

- **As contrarreformas de Bolsonaro podem inviabilizar as políticas educacionais.**

Na contramão dos anseios do povo, as contrarreformas iniciadas no governo Temer atingem em cheio a educação. A Emenda Constitucional 95 que congela os investimentos públicos e impede que as verbas destinadas à áreas como educação e saúde cresçam proporcionalmente à receita do país e passam a ficar congeladas e são corrigidas apenas pela inflação do ano anterior. Desta maneira, a educação pública é posta em cheque, instalando uma crise de financiamento em todas instituições. Os movimentos sociais não aceitaram a EC95 e ocuparam centenas de universidades em todo o país em um movimento que contagiou a sociedade.

A Emenda do Teto de Gastos impossibilita na prática qualquer política educacional até 2036 (levando em conta os vinte anos de congelamento), incluindo as metas do Plano Nacional de Educação (PNE), que prevê o investimento de 10% do Produto Interno Bruto (PIB) para a educação. Ao invés de aumentar as receitas da educação, quando se compara o orçamento de 2017 e 2018 é possível perceber uma redução de 36% nos investimentos. Na prática, é possível que a EC95 reduza os recursos, dos atuais 6% para 4,2% do PIB.

Todos os níveis da educação brasileira são afetadas pela EC95. Uma das metas do PNE prevê que 25% das crianças de 0 a 3 anos de idade estivessem matriculadas em uma escola até 2024. Segundo alguns especialistas, com a Emenda, nem metade dessa meta será atingida.

As universidades estão no centro dessa política nefasta. Dados apontam que na UnB, por exemplo, exista um déficit orçamentário de R\$ 92 milhões. Os cortes de custeio e investimento podem inviabilizar as atividades das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) no país. Tal redução já é sentida no orçamento das universidades, afetando desde o pagamento de água e luz, até superlotação de salas de aula, suspensão de contratações e congelamento do salário dos professores e técnicos, isso precisa acabar!

Para piorar a situação, a reforma trabalhista aprovada também pelo governo Temer piora muito as condições de trabalho, especialmente daqueles que dedicam suas vidas à educação. No final de 2017, a Estácio demitiu cerca mil e duzentos professores apenas para recontratá-los em seguida sob o regime mais precarizado. O mesmo ocorreu com a rede Laureate e diversas outras. As alterações mexem em pontos como férias, jornada, remuneração e planos de carreira. As novas modalidades de contratação, como contrato temporário e o intermitente dificultam ainda mais a integração entre trabalhadores e estudantes, algo que assume proporções ainda mais dramáticas ao levar em conta a aprovação da terceirização irrestrita.

Diferente do que foi prometido pelo governo, a reforma trabalhista não resolveu o problema do desemprego. Segundo o IBGE, entre março e maio de 2018 o número de empregados com carteira assinada no Brasil diminuiu em comparação com o trimestre anterior, ao mesmo tempo em que aumentou o número de trabalhadores na informalidade: 307 mil a mais! Os índices são ainda mais alarmantes entre os jovens: 7 milhões de brasileiros e brasileiras entre 14 e 29 anos estão desempregados. Tais dados influenciam muito a evasão nas nossas instituições, que tem atingido índices alarmantes.

#### **4. RESISTÊNCIA**

**• DEMOCRACIA EM TEMPOS DE INTERNET E RESISTÊNCIA – OS NOVOS DESAFIOS DAS E DOS TRABALHADORES BRASILEIROS**

Os trabalhadores costumam ser uma importante vanguarda em todas as transformações. São também a força motriz que fazem com que os sindicatos permaneçam sempre na luta, se atualizando e conectando aos desafios centrais de cada geração. Isso faz com que de tempos em tempos o Sinasefe tenha um upgrade. Afinal, os tempos não são os mesmos de quando a entidade foi fundada, há mais de 30 anos atrás. Nossa história é a base para que possamos olhar ao futuro de forma assertiva e ousada.

No mundo inteiro assistimos à grandes inovações tecnológicas que impactam diretamente no nosso dia a dia. Um mundo de possibilidades se abre diante de nós e podemos colocar todo esse desenvolvimento a serviço de um bem comum. As mobilizações não acontecem mais da mesma forma: eventos no facebook mobilizam multidões e a internet deixa de ser apenas um espaço de comunicação e passa ser também um espaço em que as relações se desenvolvem.

É claro que as contradições existem. Como tudo no capitalismo, a tecnologia também muitas vezes é posta a serviço de um projeto de dominação. Neste caso, democracias inteiras são abaladas. Estados Unidos e Brasil são casos clássicos de interferências nas decisões políticas através de um processo baseado em algoritmos que muito mais diz o que as pessoas devem pensar do que reflete a realidade. Ferramentas poderosas são inseridas e o direcionamento de posts destinados a atrair cada perfil de usuário chegam a assustar. Não é à toa que a disseminação de notícias falsas é avassaladora: cada pessoa pode receber o conteúdo mais propício a fazê-la acreditar. Há quem diga que a própria democracia foi hackeada.

Neste cenário, novas alternativas surgem. Desde aquelas que legitimamente contestam as narrativas consideradas oficiais até outras mais oportunistas, que se utilizam destes avanços tecnológicos para espalhar ódio e desinformação.

Diante disto, nos cabe ficar animados ou até preocupados, mas jamais assistir passivamente! Precisamos nos organizar em rede, aliando as tradicionais assembleias por campi com a formação de grupos de WhatsApp e contatos por Instagram e Facebook. É preciso apertar o F5 no Sinasefe e fazer com que ela encontre novas formas de defender a democracia e a educação.

- **Um Sinasefe nas bases**

O coração do Sinasefe é a rede do movimento sindical. São nas seções locais que a luta acontece. Portanto qualquer projeto para a entidade precisa passar necessariamente pelo fortalecimento destes espaços.

É preciso que a nova direção nacional volte a dialogar com as bases do movimento sindical, colocando como prioridade de nossa atuação para o próximo período a formação e o fortalecimento das seções sindicais nos principais centros políticos. Eclodiram nas universidades, com grande participação nossa, comitês de luta em defesa da democracia. Organizar toda essa efervescência que se encontra nas instituições de ensino é o nosso desafio.

- **A cultura é resistência!**

O Brasil é formado por um povo que se originou da síntese cultural de diversos povos que aqui conviveram, muitas das vezes sob forte tensão e violência, essa última produto dos intensos processos de luta e resistência dos que aqui foram subjugados pela antiga metrópole.

O processo violento de formação da identidade cultural nacional que conhecemos nos dias de hoje deixou marcas que ainda nos impede de desenvolver todo o nosso potencial como Nação. Estão ameaçadas neste momento, pelo poder da neocolonização, as nossas cores e a imensa criatividade de uma gente destinada ao que seria o futuro da humanidade.

Acreditamos que a construção de um Festival Cultural Sindical pode jogar papel ainda maior ao lado da luta política do Sinasefe, se articulando com artistas e produtores culturais na valorização da cultura, na defesa do Brasil, da educação e da própria entidade.

- **Comunicação Colaborativa para os novos tempos: um Sinasefe 4.0**

O avanço das tecnologias e da velocidade da informação no século XXI tem sido mais acelerada do que qualquer outro momento da história da humanidade. Muitos historiadores dizem que o tempo pode ser concebido em velocidades diferentes em épocas diferentes, justamente pela relação que temos com as mudanças da sociedade.

Para encararmos os desafios desses novos tempos, precisamos mais do que nos adaptar, mas dominar as novas tecnologias e métodos de comunicação e marketing que nos deem condições de expandir cada vez mais o nosso alcance entre os trabalhadores e as trabalhadoras.

As inovações tecnológicas possibilitam todo um universo de novas maneiras para o Sinasefe fazer parte do cotidiano da vida profissional de seus filiados. Através das redes as distâncias são encurtadas, mas elas devem ser encaradas também como um espaço orgânico de convivência.

É bem verdade que os meios em que a comunicação se dá não são neutros. Os algoritmos do facebook, por exemplo, são geridos sem qualquer mecanismo de transparência e influenciam muito o comportamento dos usuários. Essas ferramentas também são utilizadas de forma oportunista por setores ultraconservadores para propagar suas campanhas de desinformação, utilizando para isso de recursos nebulosos. Não é à toa que as chamadas fakenews tomaram centralidade no debate eleitoral de 2018. Apesar disso, nossa resposta jamais deve ser na mesma moeda. É nosso papel politizar os debates e combater a “memetização” da política, gerando conteúdos de qualidade e que contribuam com informações teóricas relevantes.

Quem não compreender o atual momento e se dedicar a atualizar suas formas de atuação em rede está fadado a se tornar obsoleto, mas este não deve ser o caso do Sinasefe! No momento atual existem brechas que permitem a organização política através do ambiente virtual para a realização da disputa contranarrativa, para melhor utilização de bens artísticos e culturais, para o financiamento coletivo e o aumento da autonomia política.

É por isso que a comunicação e a atuação em rede do Sinasefe não pode ser concebida através dos meios tradicionais. Precisa ser muito mais orgânica a forma como nos comunicamos, produzindo conteúdos diretamente relacionados com a rede do movimento sindical e acadêmico. Integrar a nossa comunicação com os mais diversos movimentos que acontecem dentro da universidade é fundamental, podendo servir como espaço de informação acadêmica e articulação legítima dos trabalhadores brasileiros.

Nesse sentido precisamos de uma ampla reforma no conceito da comunicação do Sinasefe, que passe desde a elaboração de estratégias, até a forma de se relacionar com as redes. O aprimoramento de nossas ferramentas de internet buscando aglutinar um envolvimento cada vez maior tanto na produção de conteúdo quando em sua disseminação.

Para alcançar esses resultados devemos, por exemplo, pensar na produção de mais conteúdo via vídeo, falando mais sobre a história, as bandeiras e o funcionamento do

Sinasefe, bem como a criação de uma rede de canais no youtube com conteúdos políticos e também de caráter acadêmico. Existe muita produção com este sentido dentro das universidades, é nosso papel articular essa rede e posicioná-la em defesa da educação e da democracia.

Além disso, precisamos avançar na criação de uma rede de diálogos e disseminação de conteúdos via whatsapp, organizando grupos que atinjam a maior diversidade possível de trabalhadores e universidades.

#### ● **Jornada de Lutas dos trabalhadores brasileiros**

O movimento social tradicionalmente organiza grandes passeatas e mobilizações ao longo de todo o mês de março. Este ano não será diferente e existem muitos motivos para sairmos às ruas! As contrarreformas de Bolsonaro não passarão no que depender de nós.

O dia internacional da mulher, lembrado em 8 de março, é palco de resistência. As mulheres têm sido linha de frente nas principais batalhas do país e demonstraram sua força através do movimento “Ele Não”. Agora, mais do que nunca, o grito feminista ecoa pelas ruas contra precarização do trabalho e a reforma administrativa.

#### ● **Memória, Verdade e Justiça**

Durante a Ditadura Militar, todos aqueles que se organizavam nos sindicatos foram duramente perseguidos pelo Estado de exceção. Nas primeiras horas do regime, várias sedes foram invadidas. Os encontros e congressos sindicais foram duramente reprimidos.

Nos dias de hoje existe uma disputa de concepções dentro da sociedade sobre o que significou os vinte anos de ditadura no Brasil. Bolsonaro homenageia comumente o coronel Brilhante Ustra, conhecido por práticas terríveis de tortura. Estamos ao lado daqueles que clamam por justiça e contra a exaltação de líderes daquele tenebroso regime. Não são poucos os espaços públicos que levam nomes de presidentes daquele período.

Para que a história não se repita, é necessário que o povo conheça a verdade sobre a ditadura. Nesse sentido, o Sinasefe tem muito o que falar. Apresentar a memória das lideranças sindicais que foram perseguidas naquele momento da história é fundamental. Na luta por justiça social é fundamental a busca pela memória e a reconstrução da história.

### ● **Se fere minha existência serei resistência – a luta feminista**

As mulheres têm sido sempre as primeiras a se mobilizar contra a retirada de direitos. A chamada “Primavera Feminista” levou milhares às ruas em defesa da democracia. Em todos os momentos ecoam vozes feministas que tomam a frente das grandes mobilizações, atos e assembleias da categoria. É seguro dizer que a resistência é feminista.

A luta contra a desigualdade econômica e social do Brasil é o ponto de contato entre a necessidade de construção de um projeto nacional e a luta por direitos. A desigualdade é a raiz material da reprodução dos preconceitos e discriminações. E ela se reproduz no cotidiano, na diferença salarial, na sub-representação política, nos índices de violência doméstica e no feminicídio. No ambiente universitário isso se manifesta no assédio, nos estupros, na ausência de salas de acolhimentos para filhos de mães servidoras. Mas se manifesta também na pouca presença de mulheres lecionando nos cursos voltados à inovação e à tecnologia.

Todo esse cenário tem seu reflexo também no Sinasefe, que já realizou vários Encontros de Mulheres Estudantes que contribuíram muito para a elaboração de uma política da entidade voltada às pautas. Mas é preciso mais, é preciso lutar e seguir garantindo o espaço de representatividade das mulheres em todos os locais onde o sindicato se fizer presente.

### ● **Negras e Negros resistem todos os dias**

Durante mais de três séculos de dominação, o escravismo conformou as bases para o estabelecimento do capitalismo no Brasil. O legado desses anos de opressão racial foi a formação de uma população que, sob fortes pressões sociais, é forçada a esquecer e negar sua memória e sua história.

Por isso, nossa resistência à violência nos ensinou a lutar primeiramente por liberdade e, nos dias de hoje, por direitos que precisam cada vez mais se efetivar. Saímos da senzala, mas não estamos totalmente livres. 70% dos jovens que morrem entre 18 e 25 anos são negros. Nas cadeias é maioria indiscutível, empurrados pelo sistema capitalista à marginalidade. Para se ter uma ideia, nos últimos dez anos os números de assassinatos caíram 8% entre mulheres brancas, mas aumentaram 15,4% entre as negras.

Na universidade é muito recente as ferramentas de reparação histórica, mas já demonstramos que o ensino técnico e superior é também um espaço a ser ocupado! A presença de negros e negras aumentou mais de 200% nos últimos anos. Ainda assim enfrentamos muitas dificuldades para a nossa permanência, as bolsas são insuficientes e a política de assistência estudantil se encontra cada vez mais ameaçada.

Além disso, são poucos os professores negros que dão aula. Isso pra não falar que quase não há presença negra nos espaços de decisão da universidade, passando bem longe das reitorias. Poucos também são os pesquisadores negros que estão presentes nas nossas instituições de ensino.

Queremos construir um Sinasefe cada vez mais enegrecido. O Encontro de Negros, Negras e Indígenas do Sinasefe tem se consolidado como um importante espaço de articulação de uma política voltada para a superação da exclusão histórica a qual foram relegados.

Continuamos em luta pela valorização da cor e das raízes negras. Lutamos contra a redução da maioria penal, política de enclausuramento da juventude. Pela desmilitarização da polícia militar, que como braço do estado promove a “limpeza” étnica dos centros urbanos. Pela descriminalização das drogas, tirando nossa juventude do alvo na guerra às drogas. Lutamos para que nossas mulheres e sua imagem não sejam vendidas como mercadorias exóticas. Pela equiparação salarial e de oportunidades em todos os espaços. Acreditamos no potencial do povo brasileiro que enfrenta com coragem tantas lutas no seu dia a dia para mudar esta realidade.

- **LGBTs são resistência**

Chegaram ao Governo Federal no Brasil, agentes que impõem uma agenda ultraliberal na economia e conservadora do ponto de vista dos costumes. O Brasil ainda é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo e a onda de violência só tem aumentado, incentivada pelas declarações abertamente LGBTfóbicas de Jair Bolsonaro, seus eleitores e apoiadores sentiram-se legitimados para dizerem o que pensam e agirem de maneira violenta.

As universidades devem ter um papel protagonista na superação de preconceitos e na construção de uma educação emancipadora, laica, democrática e acolhedora para todas e todos, fazendo valer a pluralidade sexual e de gênero do nosso povo. É impossível

pensarmos em um país desenvolvido socialmente e economicamente enquanto não envolvermos esta relevante parcela da sociedade, sem isso a população LGBT continuará vulnerável ao subemprego e à violência.

Para isso, é urgente a criação dos Encontros LGBTs do Sinasefe, à exemplo do que acontece com os negros, negras, indígenas e mulheres, essa pode ser a primeira medida a ser tomada rumo a garantia de tais vozes serem ouvidas e não mais caladas.